



## CIÊNCIA A SERVIÇO DA EXCLUSÃO: UMA ANÁLISE DO RACISMO CIENTÍFICO NA HISTÓRIA

**Paulo Henrique Narciso da Silva**

Universidade Federal de Itajubá, [narciso.paulo2019@gmail.com](mailto:narciso.paulo2019@gmail.com)

**Paloma Alinne Alves Rodrigues**

Universidade Federal de Itajubá, [Palomaraap@unifei.edu.br](mailto:Palomaraap@unifei.edu.br)

### RESUMO

O racismo se configura de maneiras distintas em cada país. No Brasil, por exemplo, manifesta-se por mecanismos de exclusão e desigualdade de poder, contribuindo para a naturalização dessa discriminação. A persistência dessas barreiras se reflete em altos índices de desigualdade, com a sub-representação de negros e indígenas em cargos de liderança. No campo científico, destaca-se a visão eugênica de Francis Galton (1822–1911), que propunha o "aperfeiçoamento da raça humana", classificando uma raça como superior à outra com base em fatores biológicos. Tal pensamento foi usado para legitimar a ideia de que certos povos nasceram para servir. De natureza bibliográfica, esta pesquisa analisou como a ciência, ao longo da história, contribuiu para a legitimação e perpetuação do racismo, evidenciando tanto a construção histórica desse processo discriminatório quanto a exclusão sistemática de pesquisadores negros e epistemologias não ocidentais. Com abordagem qualitativa, buscou-se entender, nos últimos anos, como o racismo tem sido retratado na ciência. A investigação foi realizada em revistas da área de ensino em ciências, a partir de qualis A1, A2, A3 e B1, utilizando os termos "Racismo", "Racismo na Ciência" e "Racismo Científico". A partir disso, localizaram-se oito trabalhos e, em seguida, foi realizada a leitura dos resumos. Feito isso, elencaram-se três categorias: (A) se o artigo trata diretamente do racismo na ciência, (B) se utiliza autores negros ou teorias decoloniais e (C) quais contribuições apresenta. Seis trabalhos contemplam todas as categorias, somente dois contemplam parte delas. Os trabalhos retratam como o racismo se propagou no campo científico, alguns mais teóricos e outros mais investigativos, mas contribuindo significativamente. Diante do exposto, foram identificados pontos que ajudam a compreender o desenvolvimento do racismo científico, revelando que ele não se fundamenta em bases biológicas, mas em construções sociais voltadas ao domínio. Políticas raciais, sustentadas por falsos progressos serviram para ocultar a centralidade da África na história. Os dados demonstraram que a ciência moderna, em áreas como biologia, antropologia física e medicina, foram usadas para justificar hierarquias raciais. O conceito de "Amefricanidade", criado por Lélia Gonzalez (1935–1994), resgata a resistência e a ancestralidade africana nas Américas. Já o letramento racial, surge como ferramenta transformadora, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, capazes de combater o racismo em qualquer esfera social. Concluimos que, é urgente desenvolver um olhar mais crítico sobre a ciência, reconstruindo sua história com valorização dos povos negros e indígenas, rumo a uma sociedade verdadeiramente representativa.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 06 jan. 1989. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7716.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7716.htm). Acesso em: 09 jun. 2025.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ALVES-BRITO, Alan; ROSA, Joselina da Silva; PINHEIRO, Maria do Socorro. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 1440–1460, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2020v37n3p1440>. Acesso em: 09 jun. 2025.

COSTA, Paulo Roberto da. O preço da cor e outras violências: reflexões para além dos muros escolares. *Revista Eletrônica Areté*, 2023. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/868503889/O-prec-o-da-cor-publicado-Arete-2023>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SANTOS, Eliene Pires dos; et al. Racismo e insegurança alimentar: mazelas de uma comunidade quilombola da Amazônia Legal brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.16672023>. Acesso em: 09 jun. 2025.

FERREIRA, Fabrício de Oliveira; MATTOS, Igor. Tambolinguística e autoetnografia: possibilidade teórico-metodológica para o estudo das línguas de territórios pretos afrodiaspóricos. *Ciências & Cognição*, v. 64, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/01031813v6420258677198>. Acesso em: 10 jun. 2025.

OLIVEIRA, Taiane et al. Educação para as relações étnico-raciais: um ensaio sobre alteridades subalternizadas nas ciências físicas. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 24, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172022240122>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MORAES, Ana Júlia; LIMA, Carla. Artigo-parecer: instalações científicas em territórios de povos tradicionais – receitas para educação científica. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 24, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172022240127>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SILVA, M. L. da et al. Violência e vulnerabilização: o cotidiano de jovens negros e negras em periferias de duas capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.04402023>. Acesso em: 11 jun. 2025.